



Crônica da Cidade

SEVERINO FRANCISCO | severinofrancisco.df@dabr.com.br

O êxtase do Vampiro

Entrar em contato com Dalton Trevisan, que nos deixou, recentemente, não era difícil; era impossível. Mas por um desses lances do acaso jogado pelos deuses da literatura se tornou possível para o brasiliense José Salles Neto, presidente da Confraria dos Bibliófilos do Brasil. Salles é, a um só tempo, o presidente, o editor, o secretário, o distribuidor, o assessor de imprensa e o office boy da entidade.

Bate o escanteio e vai na área para cabecear. Ele é uma espécie de José Mindlin candango, com a desvantagem de

não dispor do dinheiro das indústrias do bibliófilo paulista (que já nos deixou) para bancar os sonhos de livros.

Salles é “brasiliense de Araxá, Minas”, começou colecionando gibis e, hoje, acumula um acervo de 15 mil títulos, sendo três mil, de arte. O sobrado onde mora, no Lago Norte, com área de mais de 400 metros, é uma biblioteca de babel com livros desmoronando por todos os lados. Nunca entrou em uma livraria e saiu sem comprar ao menos um volume.

Criou em Brasília a Confraria dos Bibliófilos do Brasil. Só com a cara e a coragem, ele conseguiu a façanha de envolver, na condição de colaboradores e cúmplices, uma constelação de nomes de primeira linha, incluindo alguns dos seres mais inacessíveis e intratáveis do

planeta de extraterrâneos da literatura e das artes gráficas: Dalton Trevisan, Millôr Fernandes, Ferreira Gullar, Rubem Fonseca, Luis Fernando Veríssimo, Rubens Gerschman, Antonio Candido, Marcelo Grassmann, Renina Katz, Poty (o ilustrador de Guimarães Rosa), entre outros.

Certo dia, Salles deu na veneta a ideia de publicar um livro do irascível curitibano Dalton Trevisan. Como todo mundo sabe, Trevisan não concedia entrevistas e só conversava com amigos: “Escritor não tem de falar; escritor tem de escrever; além disso, sou tímido, um pouco menos com as loiras oxigenadas”, escreveu, se defendendo.

A única tênue ponte era Eleutério, dono de uma pequena livraria de rua de Curitiba, frequentada por Dalton

Trevisan, que levava livrinhos de seus contos em edição artesanal para que fossem distribuídos a leitores realmente amantes da ficção do Vampiro de Curitiba. Salles sondou o terreno, mas Eleutério não foi nada otimista: “A resposta de Dalton será um terrível palavrão”, vaticinou.

Contudo, para a surpresa de todos, o Vampiro de Curitiba aceitou, impondo uma condição: teria de ser a novela *A polaquinha*, de um erotismo cabeludo, com trechos picantes no limiar da pornografia mais grossa. Salles ficou nervoso, com receio de perder muitos sócios mais conservadores da Confraria.

Mas topou e convidou o artista gráfico Darel Valença Lins, que ilustrava as crônicas de Nelson Rodrigues na *Última*

Hora. Foi o livro mais bonito publicado na Confraria, pesa uns quatro quilos. Atualmente, o livro está esgotado e custa de R\$ 4 mil a R\$ 6 mil nos sebos.

Apenas uma confrreira de 82 anos se desligou do clube do livro. E, em carta, se derramou em desculpas: a exigência partiu do marido de 87 anos, escandalizado com a publicação. As imagens ficaram primorosas e o Vampiro de Curitiba entrou em estado de êxtase celestial: mandou um dos seus livros para Salles com uma dedicatória que se estendeu por três páginas, nas quais arrematou: “Essa foi a maior homenagem que eu recebi em vida”.

PS.: Fique ligado, pois o MAB está promovendo uma mostra retrospectiva de desenhos e ilustrações de Darel Valença Lins.



Oscelina Moura foi atingida no abdômen e perdeu um rim. O tiro também afetou o estômago e ela terá de passar por um novo procedimento nesta semana para reconstrução do órgão. Na ala psiquiátrica do Hospital de Base, o delegado autor dos disparos teria se recusado a tomar remédios

Doméstica passará por cirurgia

» LETÍCIA GUEDES,
» DARCIANNE DIOGO,
» MILA FERREIRA

Uma das vítimas da fúria do delegado Mikhail Rocha Menezes, 46 anos, a empregada doméstica Oselina Moura Neves de Oliveira, 45, segue internada em estado crítico na Unidade de Terapia Intensiva (UTI) do Hospital de Base. A mulher foi atingida no abdômen e perdeu o rim direito. Ela já passou por uma cirurgia, da qual se recupera. Além do rim, o disparo atingiu o estômago e o intestino grosso. Oselina passará por um novo procedimento cirúrgico nesta semana, para reconstrução do estômago. Hoje, ela será reavaliada pelos médicos, que determinarão quando será realizada a segunda cirurgia. Os pais da doméstica, que moram na Bahia, chegarão hoje a Brasília.

No dia do crime, o filho mais novo de Oselina, de apenas 14 anos, acompanhava a mãe no trabalho. Na hora dos disparos, ela disse para o filho correr e se esconder. O menino não foi atingido, mas ficou profundamente abalado. A mulher foi levada ao Hospital de Base enquanto o pai foi resgatar o filho. O tiro atingiu Oselina pelas costas e atravessou o tórax, atingindo rim, estômago e intestino grosso.

Nascida na Bahia, Oselina é tratada pelos amigos e familiares pelo apelido de Lika. Ontem, a doméstica recebeu visita do marido, Davi Roque, que levou os três

filhos do casal, de 22, 18 e 14 anos para ver a mãe no hospital. Oselina mora no Jardim ABC, na Cidade Ocidental, e é casada com Davi há mais de 20 anos. Ela trabalhava havia cerca de quatro anos na casa de Mikhail e da mulher dele, Andréa, que também foi baleada pelo delegado. As faxinas realizadas por ela eram semanais e aconteciam sempre às quintas-feiras.

O crime

Delegado da Polícia Civil do Distrito Federal (PCDF) Mikhail Rocha Menezes estava afastado de suas funções na corporação desde a última terça-feira (14/1), após apresentar um pedido de licença para cuidar da saúde mental. De acordo com a PCDF, ele apresentou um atestado emitido por um médico particular solicitando o afastamento.

Na quinta-feira (16/1), Mikhail tomava café da manhã com a mulher, Andréa Rodrigues Machado, 40, e o filho, de apenas 7 anos, cuja identidade foi protegida. Segundo informações obtidas pelo **Correio**, durante a refeição, o delegado começou a falar sozinho, pegou a arma e atirou contra a mulher e contra a funcionária.

Após o crime, Mikhail pegou o filho e o cachorro da família e se dirigiu ao shopping Gilberto Salomão. O menino passava muito mal e chegou a vomitar no centro comercial. Segundo informações obtidas pela reportagem, o homem entrou em uma loja de

Redes sociais



Oselina Moura trabalhava havia cerca de quatro anos na casa de Mikhail, todas as quintas-feiras

celulares querendo comprar um aparelho, mas a compra não foi realizada. Ele insistia em adquirir um celular que não estava à venda, de uso da própria loja.

“Quando eu cheguei, vi toda a movimentação. Ele saiu com o celular (da loja) na mão e jogou

o telefone no chão. A criança estava descalça e vomitou muito. A todo momento, ele (o delegado) pedia para que o filho o abraçasse”, declarou uma vendedora ao **Correio**.

Depois disso, o delegado dirigiu até o Hospital Brasília e,

armado, exigiu atendimento rápido para o filho, que não parava de vomitar. A chefe do pronto-socorro do hospital, Priscila Pessoa, 45, solicitou algumas informações. Exigindo cuidados ao filho, o delegado teria ameaçado contar até cinco para receber o

atendimento. Contou até três e atirou contra o pescoço e o ombro da profissional de saúde.

Ele tentou fugir de carro, mas foi capturado pela Polícia Militar do Distrito Federal (PMDF) na altura da QI 23, do Lago Sul. Com o delegado, os policiais apreenderam duas armas de fogo. Ele foi conduzido para a Corregedoria da PCDF, onde foi avaliado por um médico, que recomendou a transferência para a ala psiquiátrica do Hospital de Base, para onde ele foi transferido na quinta-feira à noite.

Segundo informações obtidas pelo **Correio**, Mikhail se recusou a tomar remédios no hospital. Ele foi transferido da emergência da ala psiquiátrica para o ambulatório da mesma ala, onde permanecia até o fechamento desta edição. Após audiência de custódia realizada na última sexta-feira, a prisão em flagrante do delegado foi convertida em preventiva. Com a decisão, assim que receber alta ele será transferido para a Papuda e deve responder por três tentativas de feminicídio.

A última informação sobre o estado de saúde de Andréa, mulher de Mikhail, era de que ela está internada no Hospital DF Star e o quadro de saúde é estável. Quanto ao estado de saúde da enfermeira Priscila Pessoa, a mais recente informação obtida pelo **Correio** é de que ela foi atingida na medula, mas que as consequências da lesão ainda não foram dimensionadas.

HOMENAGEM

Despedida marcada por honras militares

» LETÍCIA GUEDES

“Pessoa excepcional, policial exemplar, extremamente dedicado ao serviço.” Assim o policial militar do Distrito Federal Adriano Damásio Lopes, 44 anos, que morreu após inalar fumaça enquanto resgatava pessoas do incêndio que atingiu o hotel onde estava hospedado com a família, em Maceió, é descrito pelo colega de farda major Marcos Henrique Gonçalves. Ontem, o PM foi velado e enterrado, com honras militares, no cemitério Campo da Esperança de Brazlândia, onde nasceu e cresceu.

Mais de 250 pessoas compareceram à cerimônia. A comitiva podia ser percebida de longe. Idosos e crianças choravam com o mesmo semblante — de quem perdeu alguém que, certamente, jamais poderá ser substituído.

Um cortejo fúnebre, da administração de Brazlândia ao cemitério da cidade, marcou o início do velório do militar. A procissão começou às 14h e o velório ocorreu em seguida. Às 16h30,

o sepultamento foi marcado por uma chuva de pétalas sobre o túmulo, em homenagem feita pela aeronave Fênix, do Batalhão de Operação Aviação (BÁVOp).

Com a voz embargada, major Gonçalves mal conseguia falar sobre o amigo, com quem trabalhou por oito anos. “São oito anos convivendo com ele diariamente. Ele era uma pessoa excepcional, policial exemplar. A gente convivia todo dia. Adriano era extremamente dedicado ao serviço. É uma perda muito grande, e não falo como chefe dele, mas como amigo”, disse, em meio às lágrimas.

Pai da esposa do policial, Estefanie Fernandes, Marinelson Fernandes de Oliveira, 60, declarou que, para ele, o genro era como um filho. “Adriano sempre foi um homem muito cauteloso, zeloso com a família em todos os sentidos, tanto no âmbito financeiro quanto na educação da filha de 9 anos. Era um cara muito sincero e sensato. Para mim, fica a dor, mas, ao mesmo tempo, a satisfação de poder ter

Marcelo Ferreira/CB/D.A Press



Adriano Damásio, 44, morreu após inalar fumaça enquanto resgatava pessoas de um incêndio em Maceió

convivido com ele durante esse tempo”, declarou.

Marinelson afirmou que a dor é inevitável, mas que tenta permanecer forte para apoiar a filha e a neta. “A gente não tem palavras para descrever. Ele é muito mais do que eu posso te dizer, não é à toa que aconteceu o que aconteceu. Ele podia ter sido extremamente egoísta, como já tinha saído com a esposa, a sogra e

a neta, podia ter ido embora, mas não, ele insistiu”, completou dizendo que o genro era uma pessoa boa, que gostava de ajudar.

No velório, a esposa do militar estava muito abalada e permaneceu dentro da capela até o momento do enterro. Segundo Marinelson, Estefanie e a mãe ainda tomam algumas medicações, por terem inalado fumaça, mas, para ele, o maior prejuízo foi para o

psicológico delas, que está extremamente abalado.

Antes de o caixão ser fechado, os militares formaram um corredor, fizeram saudações e dispararam uma salva de tiros. Alguns familiares discursaram para agradecer o apoio dos parentes, amigos e, especialmente, às forças de segurança. Como reconhecimento pelo profissionalismo, Adriano foi honrado com uma promoção

post mortem e se tornará primeiro-sargento da corporação. O militar ingressou em 2003 e era lotado no Batalhão de Policiamento de Trânsito (BPTran).

Apoio

Presente no velório, a vice-governadora Celina Leão (PP) declarou que o militar deve ser lembrado como um herói e assegurou que o Governo do Distrito Federal (GDF) dará todo apoio à família. Celina disse que o GDF está dando suporte desde que a notícia da morte do militar foi divulgada. “Todo o suporte foi dado para o traslado e aqui (DF) também, mas a gente faz questão de estar presente, porque nós queremos honrá-lo”, disse.

Em seu discurso, a vice-governadora elogiou a Polícia Militar do DF (PMDF). “Adriano foi um herói e morreu como herói. Ele representa tudo o que a gente acha da nossa PM. Uma polícia realmente capaz de saber o seu papel, independentemente de onde esteja. Ele estava de férias, com a família, é um depoimento muito forte. Então, nós viemos aqui hoje para prestar as últimas homenagens em nome do governo e do nosso governador (Ibaneis Rocha) também”, completou.